

Insper Instituto de Ensino e Pesquisa
Programa de Mestrado Profissional em Economia

Afonso Mariutti Chebib

**Fatores de Influência da Visão Política dos Indivíduos –
Evidências da *World Values Survey***

São Paulo

2011

Afonso Mariutti Chebib

**Fatores de Influência da Visão Política dos Indivíduos –
Evidências da *World Values Survey***

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Economia do Insper Instituto de Ensino e Pesquisa, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Economia.

Área de concentração: Microeconomia Aplicada
Orientador: Profa. Dra.Regina Madalozzo – Insper

São Paulo

2011

Chebib, Afonso Mariutti

Fatores de Influência da Visão Política dos Indivíduos – Evidências da World Values Survey / Afonso Mariutti Chebib; orientador Regina Madalozzo – São Paulo: Insper, 2011.

Dissertação (Mestrado – Programa de Mestrado Profissional em Economia. Área de concentração: Microeconomia Aplicada) – Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Afonso Mariutti Chebib

Fatores de Influência da Visão Política dos Indivíduos – Evidências da World Values Survey

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Economia do Insper Instituto de Ensino e Pesquisa, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Economia.

Área de concentração: Microeconomia Aplicada

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra. Regina Madalozzo

Orientadora

Instituição: Insper Instituto de Ensino e Pesquisa Assinatura: _____

Prof. Dr. Naércio Aquino Menezes Filho

Instituição: Insper Instituto de Ensino e Pesquisa Assinatura: _____

Prof. Dr. André Portela

Instituição: FGV- EESP Assinatura: _____

RESUMO

CHEBIB, Afonso Mariutti. **Fatores de Influência da Visão Política dos Indivíduos – Evidências da *World Values Survey***. 2011. Dissertação (Mestrado) – Insper Instituto de Ensino e Pesquisa, São Paulo, 2011.

Este estudo apresenta evidências de que educação, renda, gênero e religiosidade são fatores correlacionados com a visão política dos indivíduos. Apesar da magnitude desse impacto variar de país para país a direção da influência para a maioria dos casos é a mesma. Indivíduos com renda maior e com nível educacional mais elevado defendem maior competição e menos presença do Estado nas empresas. Mulheres apresentam consistentemente visão mais à esquerda que homens e a alta frequência a cultos está correlacionada a visões mais à direita nas questões analisadas.

Palavras-chave: visão política, competição, educação, meritocracia e privatização.

ABSTRACT

CHEBIB, Afonso Mariutti. **Political View's Influences – Evidences from World Values Survey.** 2011. .Dissertation (Mastership) – Insper Instituto de Ensino e Pesquisa, São Paulo, 2011.

This study provides evidence that education, income, gender and religiosity are factors correlated with political views of individuals. Despite the magnitude of this impact's variation among countries, the direction of this effect is the same for most cases. High income and more educated individuals advocate more competition and less public interference in the economy. Women show consistently higher degree of preference placed left in the political scale than men. Finally, individuals who often attend some kind of cult usually declare preference for choices placed in the right of the political scale.

Keywords : political views, competition, education, meritocracy and privatization.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Característica dos Entrevistados por País	18
Tabela 2 – Primeira regressão. Variável Explicada: Leftright	24
Tabela 3 – Segunda regressão. Variável explicada: Empresaspp	27
Tabela 4 – Terceira regressão. Variável explicada: Competition	30
Tabela 5 – Média por país das questões selecionadas para execução do Gráfico de Visão Política Média	35

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Posição Política Média por País	21
--	----

SUMÁRIO

1 Introdução	11
2 Revisão da Literatura	13
3 Dados e Descrição Básica da Amostra	17
4 Metodologia e Resultados Empíricos	22
5 Conclusão	32
Referências	34

1 Introdução

Após a crise econômica de 2008 e a solução encontrada pela quase totalidade dos países de uma maior presença do Estado na economia, tanto via compra de participação em empresas em dificuldades quanto via injeção de liquidez no sistema financeiro, uma grande discussão surgiu: seria a crise econômica resultante da falta de regulamentação dos mercados, ou fruto de uma política monetária frouxa, adotada durante anos e que teria criado um ambiente propício à formação de bolhas? Além disso, qual seria a melhor maneira de levar as economias novamente para um crescimento sustentável de longo prazo, gerando empregos e reforçando a confiança dos consumidores e produtores mundiais?

Alguns economistas defenderam uma forte presença do Estado nesse processo, com o aumento de sua participação em empresas e bancos com problemas financeiros, e sendo responsável por garantir a liquidez num sistema de crédito totalmente fragilizado. Um exemplo de economista dessa corrente é Paul Krugmann (<http://krugman.blogs.nytimes.com>), um defensor incondicional das intervenções governamentais como forma de trazer as economias de volta para uma trajetória de crescimento sustentável.

Outra corrente defendeu soluções de mercado, cenários nos quais o governo não deveria salvar empresas com seus empréstimos e/ou auxílios financeiros, pois essas ações trariam consigo o risco de aumentar ainda mais os problemas de *moral hazard* entre os agentes econômicos, além de gerar um crescimento espiral das dívidas soberanas. Economistas da Escola Austríaca são o exemplo mais notável de defesa da diminuição do tamanho do Estado, do fim das intervenções estatais e da adoção do livre mercado como forma de acabar com as distorções geradas por anos de políticas econômicas intervencionistas (<http://mises.org>).

Após mais de dois anos, pode-se verificar que as medidas adotadas parecem não ter trazido os efeitos esperados. Alguns países, entre eles a Grécia, a Irlanda e Portugal, necessitaram de planos de resgate por parte da União Europeia para não entrarem em colapso. Grevistas em diversas partes da Europa protestaram contra as tentativas por parte dos governos de fazer um ajuste fiscal, implementando mudanças nos salários e no regime das aposentadorias. Já os Estados Unidos, um país historicamente mais liberal no sentido econômico, além de continuar com uma taxa de desemprego em patamares

altos para seus padrões ainda viu a dívida de empresas falidas serem transferidas para o governo, numa clara socialização das perdas para todo povo americano. No caso brasileiro, mais especificamente, vimos medidas muito parecidas como resposta à crise. Uma delas é o aumento dos gastos do governo que, em conjunto com redução de impostos em produtos de consumo, parece ter auxiliado o país a sentir menos os efeitos maléficos da contração do produto mundial.

Algumas questões importantes surgem dessa discussão: qual a opinião da população em geral sobre essas medidas e qual o papel que as pessoas acreditam que o Estado deve ter na economia e em suas vidas? Seria o Estado responsável por promover a igualdade dos cidadãos ou, ao contrário, ele deveria primar pela defesa da competição e da meritocracia? Por fim, é mais eficiente economicamente as empresas serem privadas ou públicas? Será que a educação, a renda e a religião são determinantes dessas questões? Será que esses determinantes variam muito dependendo do país?

O presente artigo pretende estudar o impacto de fatores como religião, educação, renda e gênero na visão política das pessoas e as diferenças entre países com características econômicas e sociais diversas na magnitude desse impacto. A idéia é verificar quais impactos nas preferências pessoais a educação e a renda promovem e se esses fatores de influência são parecidos ou não dependendo da característica do país de origem da pessoa.

Ao final deste estudo, será possível verificar o impacto do aumento de nível de educação e renda, principalmente no Brasil, nas preferências reveladas dos indivíduos com relação ao papel do Estado. As conclusões poderão ser expandidas também para as preferências com relação ao ambiente de negócios privados, nos quais ainda se verifica uma grande dependência de subsídios governamentais, e nos quais muitos empresários ainda se valem de contatos com homens públicos para obter vantagens econômicas¹.

Com tais objetivos, este trabalho utilizará os dados da *World Value Survey*². A *World Value Survey* (WVS) é uma pesquisa realizada em 97 países, englobando quase 90% da população mundial. A visão política será extraída de respostas a questões selecionadas da pesquisa WVS, versão 1999-2004. Perguntas consideradas relevantes se referem a como as pessoas enxergam o papel do governo e das instituições públicas e

¹ LAZZARINI, Sergio G. Capitalismo de laços. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2010.

² Disponível em: www.worldvaluessurvey.org (acessado no dia 13/12/2010).

privadas na economia e na vida delas, na importância da meritocracia e da competição na sociedade e até mesmo na crença da a sorte e/ou do esforço como aspectos decisivos no sucesso de uma pessoa.

Este estudo conta com a revisão da literatura existente sobre o tema, abordada na próxima seção. O capítulo seguinte apresentará os dados e as amostras utilizadas no trabalho. A seguir, apresenta-se a metodologia e os resultados empíricos encontrados. O último capítulo traz a conclusão do trabalho.

2. Revisão da Literatura:

A literatura sobre esse tema é bastante extensa, e muito já foi estudado a respeito do impacto de diversos fatores sobre uma série de crenças e valores subjetivos de uma pessoa. Ao se pensar sobre quais fatores estariam relacionados com a visão política de uma pessoa, a educação parece ser a variável com correlação mais evidente. De fato, pessoas com maior nível educacional geralmente apresentam opiniões mais fundamentadas, não sendo fácil, porém, afirmar para qual lado a educação faz pender a opinião política (Weakliem, 2001).

A renda parece promover alguns valores individualistas nas pessoas, pois aquelas que conseguiram juntar algum patrimônio ou possuem uma renda maior por mérito próprio tendem a defender a competição e a meritocracia como benéficos para a prosperidade de todos, uma menor dependência do Estado e talvez maior igualdade de oportunidades. A religião também parece impactar a visão política, porém é mais difícil apostar *ex ante* em qual magnitude e em qual direção (Beatty and Walter, 1984) isso acontece. Pessoas mais religiosas, por um lado, parecem defender maior igualdade entre as pessoas, mas, por outro, uma frequência muito grande a cultos pode levar à intolerância e a visões mais conservadoras. De uma maneira geral, os autores que abordaram o tema procuram estudar um fator de influência específico, mas acabam considerando muitos outros como variáveis de controle. Invariavelmente, mesmo não citando visão política como parte do tema, essa se mostra muito correlacionada com a variável de estudo em questão.

Um exemplo disso foi o estudo de Fisman and O'Neill (2008), que, utilizando dados da WVS, encontrou evidências de que mulheres tendem a considerar o sucesso de uma pessoa muito mais ligado ao fator “sorte” que ao esforço. Mesmo após analisarem pelo viés de fatores como educação, renda, religiosidade e visão política, a variável de

gênero se mostrou significativa e apontando para o lado de maior peso para a sorte em comparação a esforço. Os autores citam também que as mulheres tendem a ter uma visão mais à esquerda do que os homens, e que um percentual significativo maior de mulheres reporta a competição como sendo socialmente prejudicial. Dentre as possíveis explicações para isso, cita-se a discriminação no mercado de trabalho, efeitos de sociedades ainda tradicionais em que as mulheres acabam ocupando vagas em empregos com menor chance de crescimento e, ainda, o efeito maternidade, pois as mulheres sabem que em algum momento terão de deixar seus empregos para se dedicar a cuidar dos filhos. Dado isso, o presente trabalho deve incluir também o gênero em suas variáveis de controle, pois esse muito possivelmente será significativo nas diversas questões de visão política.

Outro exemplo é o de Martinez-Vazquez and Torgler (2009), que estudaram os fatores que influenciam a atitude das pessoas em relação ao pagamento de impostos na Espanha. O objetivo do trabalho era investigar a motivação intrínseca dos indivíduos para pagarem seus impostos e se mudanças institucionais ocorridas naquele país ao longo de décadas podem ter afetado tais motivações. Os autores encontram evidências de que há uma maior propensão ao pagamento de impostos em mulheres, em indivíduos que se identificam mais com o Estado e com as instituições do país, em pessoas das classes mais baixas e em indivíduos que reportam maior nível de satisfação pessoal porém não explicitando nenhuma explicação para essas evidências. Além disso, os autores chegaram à conclusão de que mudanças institucionais afetam a motivação para pagar impostos, pois as variáveis *dummies* de tempo na regressão utilizada foram significativas, mostrando que houve um aumento nessa motivação intrínseca ao longo do tempo.

Em um estudo similar, Alm and Gomez (2008) verificaram que essa motivação ao pagamento de impostos está significativa e positivamente correlacionada com o benefício percebido do fornecimento público de produtos e serviços. Além disso, o nível de sonegação percebido em determinado país também é fator de forte influência. Já Frey and Torgler (2007) encontraram evidências de que a predisposição para pagar os impostos depende da percepção que as pessoas têm da honestidade dos outros indivíduos. Quanto mais alta for a percepção da honestidade dos outros indivíduos, mais alta será a chance de o indivíduo pagar seus próprios impostos. Essas evidências estão alinhadas com a chamada cooperação condicional, na qual os indivíduos não

apresentam uma função de preferência pré-definida, estando essa intimamente relacionada com a sociedade em que ele se encontra.

Beatty and Walter (1984) exploraram a relação entre tolerância política e religião, estudando o impacto resultante de diferença nas crenças e também devido ao grau de frequência a cultos religiosos. Segundo os autores, ações políticas visíveis feitas por grupos religiosos e seus líderes criaram interesses de estudo da conexão entre crenças e práticas religiosas de um lado e visão e ações políticas de outro. Neste estudo, os autores consideraram a possibilidade de as diferenças de tolerância política entre diversas religiões serem simplesmente resultantes de diferenças socioeconômicas entre elas. Com isso, notaram que, embora as variáveis socioeconômicas sejam fortemente correlacionadas com a tolerância, a religião e a frequência a cultos continuam importantes para explicar a tolerância política. Os autores descobriram que a tolerância decresceu com o aumento da frequência a cultos e, além disso, como os vários grupos de protestantes foram estudados separadamente, diferentemente de estudos anteriores, o ranking da tolerância se alterou de maneira significativa. Os católicos, que antes apareciam como mais tolerantes que os protestantes (como um grupo homogêneo), atrás apenas dos judeus, agora apareceram como menos tolerantes do que alguns grupos de protestantes, como presbiterianos e testemunhas de Jeová. A intuição dos autores de que os protestantes não seriam um grupo homogêneo se mostrou verdadeira, pois o ranking de tolerância se alterou bastante quando se subdividiu esses grupos em suas diversas vertentes diferentes. Assim como neste estudo, parte-se do princípio aqui que talvez possa haver uma relação entre religião e visão política, em que as mais tolerantes apresentem uma visão mais liberal em diversos tipos de questão.

Weakliem (2001) estudou os efeitos da educação sobre a visão política, e seu artigo está bastante relacionado com o objetivo do presente trabalho. Segundo ele, a educação gera efeitos conservadores em questões de ordem econômica e efeitos mais liberais em questões relacionadas à igualdade e à competição. De acordo com seu estudo, os efeitos mais conservadores da educação são sentidos em questões sobre nacionalização ou privatização de empresas, de pagamento diferenciado por produtividade e por maior crença na competição como fonte geradora de prosperidade. Já os efeitos mais à esquerda foram notados na defesa de igualdade de oportunidades entre gêneros e nacionalidades e de maior taxação para ajudar a preservar o meio ambiente.

Um contraponto à escolha desses fatores de influência seria o impacto regional na visão política das pessoas. Weakliem e Biggert (1997) estudaram diferenças regionais de opinião política nos Estados Unidos a partir de dados acumulados entre 1972-1996 na *General Social Survey*³, que, segundo eles, é a maior e mais compreensiva fonte de informações sobre opinião pública dos Estados Unidos contemporâneo. Os autores consideram duas teorias para o artigo. A primeira sugere que essas diferenças tendem a diminuir devido ao aumento do contato inter-regional. Essa visão implica que diferenças regionais devem ser menores entre pessoas com maior nível educacional por diversas razões. Primeiro, o estudo formal expõe as pessoas a uma série de ideias e informações em níveis muitos além de regionais. Segundo, pessoas mais educadas tendem a se informar mais nos meios de comunicação nacionais e internacionais do que em jornais locais. E, por último, educação está relacionada a um interesse maior em viagens, nas quais ocorrem contato com pessoas e ideias diferentes. A segunda sugere que a identidade regional compete com a identidade étnica e religiosa. Então se deveria levar em conta esse aspecto no estudo para não atribuir diferenças devido à religião e ao grupo étnico a diferenças regionais. Após o estudo, os autores encontraram diferenças regionais de opinião política significativas mesmo após controlarem as diferenças de renda e religião. A ideia de que informação e sofisticação intelectual reduzem diferenças regionais não foi validada pelo estudo, pois diferenças regionais não diminuíram com aumento da educação. Por outro lado, as diferenças regionais apresentaram declínio significativo ao longo das últimas décadas, o que pode ser resultado do aumento do nível educacional ou do maior contato entre as regiões, mas os autores não conseguiram afirmar a que exatamente isso se deve.

Considerando os estudos citados, podemos notar então que renda, educação, religião e gênero apresentam grande correlação com a visão política das pessoas. Essas variáveis estão fortemente relacionadas com atitudes dos indivíduos, como pagamento de impostos, tolerância religiosa, suporte ao capitalismo, crença do papel do Estado na economia, apoio à competição e à meritocracia, entre outros. Portanto, este estudo se mostra altamente relevante para entender a dinâmica social contemporânea em diversos países e justificar a escolha de políticas de incentivo à educação, à liberdade religiosa e também à liberdade econômica. Bastante importante também será notar em qual nível, principalmente no Brasil, as pessoas defendem o Estado como provedor de bem-estar e

3 Pesquisa realizada pelo centro de pesquisas em ciências sociais da Universidade de Chicago (NORC).

de igualdade em contraposição à competição e à meritocracia, comparando esses resultados com políticas que vêm sendo adotadas recentemente no país.

A pesquisa *World Values Survey* contém informações valiosas para as questões levantadas acima. A próxima seção descreverá a amostra e os dados utilizados nesse estudo.

3. Dados e descrição básica da amostra

Este trabalho usará como base de dados a pesquisa *World Values Survey*, versão 1999-2004, realizada pela *World Values Survey Association* em 97 países, englobando quase 90% da população mundial. Essa pesquisa foi realizada em quatro diferentes períodos (1981-84, 1990-93, 1995-97 e 1999-2004). Amostras representativas de cada país são selecionadas e entrevistadas usando-se um questionário padronizado que mede a opinião dos indivíduos nos temas relacionados à religião, à motivação profissional, à democracia, à tolerância, à proteção do meio ambiente e ao bem estar, entre outros.

A tabela a seguir apresenta uma descrição básica dos dados utilizados para as regressões por país e para o total dos países

Tabela 1 – Característica dos entrevistados por país

		África do Sul	Alemanha	Austrália	Brasil	Chile	Coreia do Sul	Espanha	EUA	Suécia	Todos
Entrevistados	nº	2065	755	1134	1189	540	1193	776	1073	734	9459
	nº	1065	350	540	520	251	595	399	548	394	4662
homens	%	52%	46%	48%	44%	46%	50%	51%	51%	54%	49%
	nº	1000	405	594	669	289	598	377	525	340	4797
mulheres	%	48%	54%	52%	56%	54%	50%	49%	49%	46%	51%
	med	38,63	50,79	49,25	39,58	42,39	41,36	44,99	47,97	47,35	43,81
idade	des	0,357	0,621	0,481	0,445	0,694	0,405	0,630	0,512	0,604	0,172
posição política	med	6,493	4,486	5,482	5,399	5,33	5,686	4,550	5,722	5,608	5,590
	nº	1122	25	168	580	136	366	93	385	21	2896
fregculto	%	54,3%	3,3%	14,8%	48,8%	25,2%	30,7%	12,0%	35,9%	2,9%	30,6%
	nº	157	112	310	121	82	460	66	274	279	1861
universidade	%	7,6%	14,8%	27,3%	10,2%	15,2%	38,6%	8,5%	25,5%	38,0%	19,7%
	nº	103	15	219	30	13	14	26	25	229	674
altarenda	%	5,0%	2,0%	19,3%	2,5%	2,4%	1,2%	3,4%	2,3%	31,2%	7,1%

Fonte: *World Values Survey* 1999-2004, tabulação própria.

Só foram incluídos na amostra os indivíduos que responderam a todas as questões utilizadas no trabalho, sendo assim, alguns países tiveram o número final de respondentes bastante reduzidos na amostra total da pesquisa, pois um número considerável de pessoas deixaram de responder às questões que foram utilizadas no decorrer do trabalho.

Analisando a Tabela 1, percebe-se que a África do Sul foi o país com o maior número de respondentes (2.065), e o Chile com o menor (540). Em todos os países selecionados, a proporção entre homens e mulheres ficou bastante equilibrada, sendo o Brasil a amostra com menor proporção de homens (44%) e a Suécia com a maior proporção (54%). A idade média mais baixa da amostra foi a na África do Sul (38,63) e a mais alta foi na Alemanha (50,79).

A variável “posição política” refere-se à questão do posicionamento pessoal perante o espectro político de 1 a 10, em que 1 representa a visão mais à esquerda possível e 10 a mais à direita⁴. Nos dois extremos da visão política, encontram-se a Alemanha à esquerda, com média de 4,4861 nessa questão, e a África do Sul, com média de 6,493.

A variável “frequência a cultos”, representada por FreqCulto, é uma *dummy* que assume valor 1 somente para as pessoas que afirmam frequentar algum tipo de culto pelo menos uma vez por semana⁵. Quanto à frequência a algum tipo de culto pelo menos uma vez por semana, nota-se que a África do Sul apresenta a maior proporção de indivíduos nessa situação (54,3%). No outro extremo, temos a Suécia, com apenas 2,9% dos indivíduos da amostra reportando frequentar algum tipo de culto com tal frequência.

“Universidade” assume valor 1 quando o indivíduo tem formação universitária ou grau superior. Essa variável mensura tanto o grau médio da educação no país, como também servirá de controle para variações no posicionamento devido ao maior grau de instrução do indivíduo. No quesito universidade, novamente África do Sul e Suécia situam-se em extremos opostos. No país africano, apenas 7,6% da amostra reportou ter terminado um curso em nível superior, enquanto na Suécia 38% concluíram uma universidade.

⁴ As respostas para essas questões comportam uma escala de números inteiros entre 1 e 10, sendo que não existe possibilidade do entrevistado escolher números não inteiros.

⁵ A *dummy* foi concebida dessa forma devido à variação dos dados ser mais observável entre pessoas que frequentam cultos ao menos uma vez por semana.

A variável “alta renda” assume valor 1 caso a pessoa reporte pertencer aos dois maiores decis de renda do país. A Coreia do Sul foi o país com menor percentual de pessoas situadas nessa faixa de renda. Apenas 1,2% dos sul-coreanos pertencem a esse grupo. Já na Suécia, 38% das pessoas reportaram situarem-se nesse grupo.

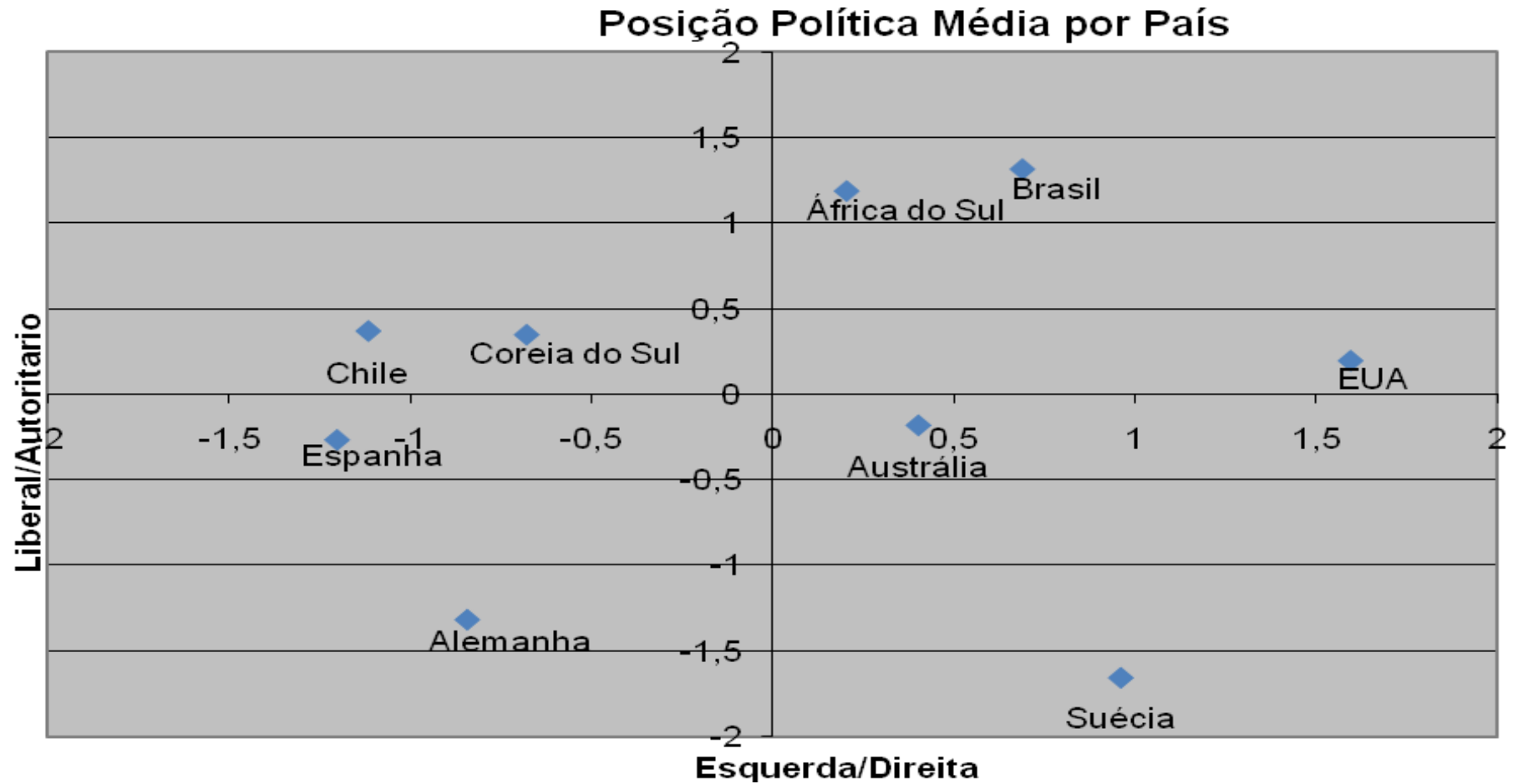
Para visualizar de forma mais direta a posição política média dos indivíduos de cada um dos países aqui analisados, elaborou-se um gráfico considerando a média das respostas a algumas questões selecionadas⁶. As questões foram divididas em duas categorias, sendo a primeira relacionada com a proximidade do indivíduo com relação à esquerda ou à direita e a segunda, com questões sobre o grau de apoio à democracia. As questões que situam os indivíduos entre direita e esquerda referem-se à defesa de empresas públicas ou privadas, apoio à competição como sendo benéfica na geração de bem-estar na sociedade, a maior igualdade de salários entre as pessoas e a responsabilidade pessoal ou governamental de prover sustento para os indivíduos. Já as questões que situam os indivíduos entre o posicionamento democrático e autoritário medem o quanto o indivíduo julga importante os governantes serem eleitos em eleições livres, maior ou menor apoio à democracia, defesa dos direitos civis contra opressão e apoio à tomada do poder pelo exército caso o governo seja incompetente.

As questões ainda passaram por uma padronização para que valores mais baixos indicassem visões mais à esquerda e maior apoio à democracia, enquanto valores maiores indicam visões mais à direita e menor apoio à democracia. No eixo X, encontram-se a média dos países para as questões esquerda-direita e no eixo Y aquelas sobre baixo ou alto apoio à democracia. As respostas foram padronizadas tirando-se a média de cada resposta e dividindo-se pelo desvio padrão⁷.

6 Dados utilizados no Anexo 1.

7 O gráfico se baseou na análise feita pelo site <http://www.politicalcompass.org/analysis2>.

Gráfico 1 – Posição política média por país: o eixo vertical tem valores menores para maior apoio à democracia, e o eixo horizontal tem valores menores para visão mais à esquerda.



Fonte: *World Values Survey* 1999-2004, tabulação própria.

A partir de uma análise visual do Gráfico 1, percebe-se que os Estados Unidos são o país mais à direita da amostra, ou seja, seus habitantes responderam preferir que as empresas sejam privadas em sua maioria, que os salários sejam diferentes como forma de meritocracia, que os indivíduos devem ser responsáveis por prover seu próprio sustento e depender menos do Estado, e que a competição é socialmente benéfica. Próximo a eles aparece a Suécia, país bastante conhecido por seu forte Estado do bem-estar social. No extremo oposto desse eixo, aparece a Espanha, com resultado muito próximo do Chile e da Alemanha. Nesses países, portanto, os indivíduos defenderam um Estado mais forte, igualdade de salários entre os habitantes, rejeição à competição e uma visão de que o governo é responsável para que todos os habitantes estejam bem providos de suas necessidades básicas.

Nos eixo vertical, nota-se Suécia e Alemanha no extremo inferior, indicando maior apoio à democracia e às eleições livres, contrastando com a visão predominante no Brasil e na África do Sul, nos quais as pessoas reportaram considerar que eleições livres e democracia são aspectos menos fundamentais numa sociedade para a média dos entrevistados.

4. Metodologia e resultados empíricos

Todas as regressões foram feitas utilizando-se um modelo multivariado de mínimos quadrados ordinários (Ordinary Least Squares, OLS) com erros robustos. Antes de se chegar a essa escolha, foi considerada e testada a utilização de um modelo do tipo Tobit.

O modelo do tipo Tobit descreve uma variável dependente contínua, mas limitada entre um ou dois extremos. Esse modelo é bastante utilizado em variáveis cujo valor é zero para uma parcela dos dados e positivo para o resto (podendo ter diferentes resultados).

Como todas as variáveis endógenas obedecem ao formato de números inteiros compreendidos entre 1 e 10, um modelo desse tipo pareceu adequado. A sua estimação geralmente é feita pelo método da máxima verossimilhança (Amemiya, 1984).

Após rodar o modelo do tipo Tobit, notou-se que os resultados se aproximavam bastante de um OLS, tanto em magnitude como em significância dos impactos das variáveis independentes sobre as variáveis explicadas. Diante disso, optou-se pela

simplificação de adotar-se um modelo do tipo OLS, como no estudo realizado por Fisman & O'Neill (2008).

Neste trabalho, foram selecionadas três variáveis para serem endógenas, sendo elas:

- Posicionamento Político (Leftright): variável em que a pessoa indicava seu alinhamento político, sendo 1 o valor mais à esquerda e 10 o valor mais a direita.
- Posicionamento perante o Mercado (Empresaspp): variável em que a pessoa reportam se as empresas deveriam ser totalmente de públicas (valor 1) até totalmente privadas (valor 10).
- Posicionamento perante a Competição (Competiton): variável em que a pessoa deveria reportar se a competição é prejudicial à sociedade (valor 1) ou se é positiva, pois estimularia as pessoas a trabalharem mais e terem novas ideias (valor 10).

Os três modelos foram rodados para todos os países separadamente e, em seguida, para a amostra de todos os países conjuntamente. Neste último modelo, controlou-se para os efeitos fixos de cada um dos países. As variáveis explicativas usadas em todos os modelos foram: idade, uma variável *dummy* para se o entrevistado é uma mulher (que assume valor 1 se for mulher e zero se for homem), uma variável *dummy* que assume valor 1 caso o indivíduo frequente algum tipo de culto pelo menos um vez por semana (freqculto), uma variável *dummy* que assume valor 1 caso a pessoa reporte pertencer aos dois maiores decis de renda do país (altarenda) e uma variável *dummy* para universidade, que assume valor 1 nos indivíduos que reportaram terem terminado algum tipo de faculdade.

As Tabelas 2, 3 e 4 a seguir contêm os resultados dessas regressões.

Tabela 2 – Primeira regressão: Variável Explicada: Leftright

Variáveis		África do Sul	Alemanha	Austrália	Brasil	Chile	Coreia do Sul	Espanha	EUA	Suécia	Todos
idade	coef	(0,0029)	(0,0134)	0,0160	0,0143	0,0027	0,0526	0,0083	(0,0028)	0,0040	0,0076
	desv	0,003	0,004	0,004	0,004	0,006	0,004	0,004	0,003	0,005	0,001
	P>t	31,3%	0,0%	0,0%	0,1%	62,4%	0,0%	4,4%	40,1%	41,2%	0,0%
mulher	coef	(0,0822)	(0,0357)	(0,1804)	0,0840	0,1604	(0,1540)	(0,1455)	(0,1504)	(0,3929)	(0,1097)
	desv	0,099	0,125	0,112	0,138	0,183	0,114	0,135	0,110	0,161	0,043
	P>t	40,5%	77,5%	10,8%	54,2%	38,2%	17,6%	28,3%	17,3%	1,5%	1,0%
freqculto	coef	0,1483	0,4207	0,5211	0,2493	0,2512	0,0346	1,6315	0,6615	0,7080	0,3564
	desv	0,100	0,283	0,160	0,136	0,204	0,123	0,228	0,122	0,468	0,052
	P>t	13,9%	13,8%	0,1%	6,7%	21,8%	77,9%	0,0%	0,0%	13,0%	0,0%
altarenda	coef	0,5322	(0,0026)	0,4090	0,7397	1,8011	1,9580	1,3922	0,4712	0,8843	0,6829
	desv	0,250	0,405	0,149	0,477	0,577	0,489	0,490	0,503	0,179	0,096
	P>t	3,3%	99,5%	0,6%	12,1%	0,2%	0,0%	0,5%	34,9%	0,0%	0,0%
universidade	coef	(0,3387)	(0,7798)	(0,5994)	(0,5913)	0,2232	0,2181	(0,6175)	(0,0658)	0,5071	(0,2732)
	desv	0,166	0,179	0,135	0,217	0,259	0,122	0,201	0,141	0,169	0,056
	P>t	4,2%	0,0%	0,0%	0,7%	38,9%	7,4%	0,2%	64,0%	0,3%	0,0%
	Nºobs	2065	755	1134	1189	540	1193	776	1073	734	9459
	R²	0,54%	4,93%	6,14%	1,95%	2,46%	13,09%	10,30%	3,19%	6,48%	9,73%

Fonte: World Values Survey 1999-2004

A variável “idade” apresentou efeito significativo em cinco países: na Alemanha, na Austrália, no Brasil, na Coreia do Sul e na Espanha, além de ser significativo também na regressão com todos os países. Com exceção da Alemanha, os efeitos da idade são positivamente relacionados com um posicionamento político mais conservador (direita), tendo a Austrália o maior efeito estimado. O resultado condiz com o senso comum de que as pessoas se tornam mais conservadoras com o passar dos anos (Truett, 1992). Ao se tornarem mais velhas, as pessoas tendem a perder algumas ideias mais revolucionárias, muito comuns em jovens. A diferença notada na Alemanha pode ser devido à convivência mais próxima das velhas gerações com uma Alemanha dividida em Oriental e Ocidental, após a Segunda Guerra Mundial.

A variável “mulher” apresentou efeito significativo apenas na Suécia e na regressão com todos os países juntos. Em ambos os casos, seu efeito foi negativo, ou seja, o indivíduo ser do sexo feminino aumenta a chance de defender uma posição mais à esquerda, com o maior efeito na Suécia, de -0,393. Nesse país, então, um indivíduo do sexo feminino tende a se posicionar 0,393 mais à esquerda que os homens, em pontos numa escala de 1 a 10. Apesar de só em dois casos a variável ter sido significativa, é possível perceber que na quase totalidade desses os sinais dos coeficientes foram negativos. Esse resultado se mostra bastante alinhado com outros estudos como, por exemplo, em Fisman and O’Neill (2008), que encontraram evidências que as mulheres reportam visões muito mais à esquerda em diversos aspectos, como competição e fator esforço/sorte no sucesso das pessoas entre outros.

A variável “freqculto” apresentou efeito significativo na Austrália, na Espanha e nos Estados Unidos, além também da regressão com todos os países. Em todos os casos, o coeficiente foi positivo, indicando posicionamento mais à direita para pessoas que frequentam cultos pelo menos uma vez por semana. O efeito mais forte apareceu na Espanha, com um valor de 1,632. A média do posicionamento político para a Espanha foi de 4,550. Sendo assim, um indivíduo que frequenta algum tipo de culto pelo menos uma vez por semana se situa em média no valor de 6,180 nessa questão. De fato, estudos anteriores corroboram esse resultado. Pessoas que frequentam algum tipo de culto mais frequentemente apresentam visões mais conservadoras. Frey and Torgler (2007) notaram decréscimo da tolerância política proporcional ao aumento da frequência a cultos.

A variável “altarenda” apresentou efeitos significativos na África do Sul, na Austrália, no Chile, na Coreia do Sul, na Espanha e na Suécia. Na regressão com todos

os países, essa variável também se mostrou significativa. Em todos os casos, seu efeito foi positivo, indicando visões mais à direita em pessoas pertencentes aos grupos de maior renda. O maior efeito foi encontrado na Coreia do Sul, com valor de 1,958, mostrando que o grupo de maior renda na Coreia teve uma média na opinião política de 7,644, em comparação à média do país de 5,686. O resultado é bastante alinhado com Beckman and Zheng (2007), que citaram que pessoas ricas reportam mais frequentemente que a redistribuição de renda desincentiva o trabalho e a poupança e que elas não têm uma responsabilidade moral para com os pobres, posições claramente mais à direita no espectro político.

A variável “universidade” apresentou efeito significativo na África do Sul, na Alemanha, na Austrália, no Brasil, na Espanha e na Suécia. Na regressão com todos os países, essa variável também foi significativa. Com exceção da Suécia, em todos os outros casos seu efeito foi negativo, indicando visões mais à esquerda para pessoas que concluíram o curso superior. O maior efeito foi na Alemanha, com valor de -0,780. Pessoas que concluíram uma universidade na Alemanha reportam, portanto, ter uma visão 0,780 mais à esquerda do que a média da população, numa escala de 1 a 10. Segundo Weakliem (2001), a educação gera efeitos conservadores em questões de ordem econômica e efeitos mais liberais em questões relacionadas à igualdade e à competição. Os efeitos mais à esquerda foram notados na defesa de igualdade de oportunidades entre gêneros e nacionalidades e de maior taxaço para ajudar a preservar o meio ambiente. O resultado encontrado nessa regressão está alinhado com os resultados de Weakliem (2001), apontando que pessoas que terminaram uma faculdade reportam ter visões mais à esquerda que a média, talvez considerando os aspectos de igualdade de oportunidades e defesa de classes menos favorecidas na hora de responder a essa questão.

Tabela 3 - Segunda regressão: Variável explicada: Empresasp

Variáveis		África do Sul	Alemanha	Austrália	Brasil	Chile	Coreia do Sul	Espanha	EUA	Suécia	Todos
idade	coef	0,0118	(0,0155)	(0,0031)	0,0250	0,0036	0,0015	(0,0042)	0,0198	(0,0072)	0,0063
	desv	0,004	0,005	0,005	0,005	0,007	0,005	0,005	0,004	0,005	0,002
	P>t	0,3%	0,1%	50,2%	0,0%	59,0%	77,6%	35,9%	0,0%	12,1%	0,0%
mulher	coef	(0,3845)	(0,1014)	(0,0955)	(1,0136)	(0,0561)	(0,3909)	(0,1681)	(0,1286)	(0,6467)	(0,3701)
	desv	0,133	0,165	0,137	0,174	0,209	0,137	0,154	0,117	0,153	0,052
	P>t	0,4%	53,8%	48,5%	0,0%	78,8%	0,4%	27,6%	27,0%	0,0%	0,0%
freqculto	coef	0,0293	0,3141	0,0095	(0,2019)	(0,3014)	(0,2194)	0,7396	0,2569	0,3882	(0,0010)
	desv	0,134	0,447	0,205	0,172	0,237	0,142	0,267	0,123	0,525	0,064
	P>t	82,7%	48,2%	96,3%	24,2%	20,3%	12,4%	0,6%	3,7%	46,0%	98,8%
altarenda	coef	0,3627	0,6137	0,7686	(0,1493)	2,0085	(2,6136)	0,4293	(0,2384)	0,7551	0,4746
	desv	0,325	0,766	0,157	0,601	0,734	0,559	0,420	0,622	0,163	0,108
	P>t	26,4%	42,3%	0,0%	80,4%	0,6%	0,0%	30,7%	70,1%	0,0%	0,0%
universidade	coef	0,9920	0,0357	(0,6454)	1,1310	0,8873	0,4083	(0,2331)	0,2201	0,4464	0,3457
	desv	0,236	0,220	0,147	0,240	0,290	0,142	0,290	0,122	0,159	0,062
	P>t	0,0%	87,1%	0,0%	0,0%	0,2%	0,4%	42,2%	7,2%	0,5%	0,0%
	Nºobs	2065	755	1134	1189	540	1193	776	1073	734	9459
	R ²	1,81%	1,68%	2,49%	6,34%	4,50%	3,42%	1,43%	3,92%	7,02%	7,67%

Fonte: World Values Survey 1999-2004

Para o modelo que utiliza como variável dependente “empresaspp”, apresentado na Tabela 3, a variável “idade” foi significativa na África do Sul, na Alemanha, no Brasil e nos Estados Unidos. Na regressão com todos os países, a idade também foi significativa. Com exceção da Alemanha, o efeito da idade é positivo, ou seja, pessoas mais velhas tendem a defender maior presença de empresas privadas na economia (Truett, 1992). O maior efeito foi no Brasil, com valor de 0,025. Nesse país, então, o passar de um ano leva à média da resposta a essa questão 0,025 para a direita. Novamente, os efeitos na Alemanha ficaram na direção oposta aos dos outros países, possivelmente devido a um fator específico ocorrido nesse país, e que as pessoas mais velhas tiveram uma vivência mais forte. Nos outros casos, a visão mais conservadora associada às faixas etárias mais altas fica bastante evidente.

A variável “mulher” foi significativa na África do Sul, no Brasil, na Coreia do Sul e na Suécia. Para a regressão com todos os países, essa variável também apresentou valor significativo. Em todos esses casos, seu efeito foi negativo, indicando que as mulheres reportaram maior preferência pela estatização de empresas. O maior efeito foi no Brasil, com valor de -1,014. A média do país nessa questão foi de 5,618, e das mulheres brasileiras, portanto, foi de 4,605. Novamente, a visão mais à esquerda das mulheres ficou bastante evidente e alinhada a estudos anteriores, como o de Fisman and O’Neill (2008).

A variável “freqculto” apresentou efeitos significativos apenas na Espanha e nos Estados Unidos. Nos dois casos, o efeito foi positivo, tendo a Espanha apresentado o maior valor, de 0,740. Esse grupo, portanto, apresentou uma média a essa questão de 6,316, estando esse valor 0,740 mais à direita que a média do país, de 5,576. Apesar dos poucos resultados significativos que essa variável apontou, nesses casos, houve alinhamento com estudos realizados anteriormente. Visões mais conservadoras foram notadas em pessoas que participam de algum tipo de culto com certa frequência. A associação entre frequência a culto e tolerância, como no estudo de Frey and Torgler (2007), é bem mais fácil de ser assimilada do que a relação dessa variável com a defesa da privatização ou estatização de empresas, como nesse caso.

“Altarenda” apresentou efeito significativo na Austrália, no Chile, na Coreia do Sul e na Suécia, além de para todos os países também. Com exceção da Coreia do Sul, em que o efeito foi negativo e expressivo (-2,614), em todos os outros casos o valor foi positivo, indicando que pessoas de maior renda defendem maior privatização na economia. O maior efeito foi encontrado no Chile, com valor de 2,009. Nesse país,

portanto, pessoas de alta renda tiveram uma média à resposta sobre estatização/privatização de 6,623 em comparação à média do país, que foi de 4,613. A classe de alta renda da Coreia do Sul foi aquela em que os efeitos foram maiores na primeira regressão, indicando uma forte visão à direita. Nessa regressão, o resultado também foi bastante expressivo, porém apontou para o lado oposto. As pessoas pertencentes a esse grupo se posicionaram muito mais à direita, porém defenderam maior estatização de empresas, o que parece ser bastante contraditório. O fato de essa classe conter apenas 1,2% dos coreanos, o menor percentual entre os países pode ser a causa disso. Além disso, nota-se que nos países orientais a cultura e os costumes tradicionais ainda estão fortemente presentes. Essa contradição pode ser motivada por fatores culturais específicos, mas, nos demais casos, as classes mais altas se mostraram defensoras de maior privatização na economia, o que fica de acordo com resultados empíricos anteriores (Beckman and Zheng, 2007).

A variável “universidade” apresentou efeitos significativos na África do Sul, na Austrália, no Brasil, no Chile, na Coreia do Sul e na Suécia. Na regressão com todos os países, essa variável também foi significativa. Com exceção da Austrália, em todos os casos seu efeito foi positivo, ou seja, pessoas que terminaram uma faculdade defendem maior privatização das empresas. O maior efeito foi no Brasil, com valor de 1,131. O grupo dos universitários brasileiros, portanto, apresentou uma média de 6,749 a essa resposta, valor 1,131 pontos a mais que a média do país de 5,618. Novamente, o resultado fica bastante alinhado com o encontrado por Weakliem (2001). Segundo esse autor, os efeitos mais conservadores da educação são sentidos em questões sobre nacionalização ou privatização de empresas, pagamento diferenciado por produtividade e por maior crença na competição como fonte geradora de prosperidade. É interessante notar também que os indivíduos que terminaram uma faculdade reportaram visões em média mais à esquerda na regressão anterior, porém, defenderam maior privatização de empresas na economia.

Tabela 4 - Terceira regressão. Variável explicada: Competition

Variáveis		África do Sul	Alemanha	Austrália	Brasil	Chile	Coreia do Sul	Espanha	EUA	Suécia	Todos
idade	coef	0,0074	(0,0008)	0,0022	0,0192	(0,0053)	(0,0130)	(0,0030)	0,0186	(0,0051)	0,0048
	desv	0,004	0,004	0,004	0,005	0,007	0,005	0,004	0,004	0,004	0,002
	P>t	3,3%	83,1%	59,8%	0,0%	45,3%	0,7%	44,4%	0,0%	24,2%	0,1%
mulher	coef	(0,1307)	(0,6000)	(0,1032)	(0,3710)	(0,2475)	(0,0434)	(0,2477)	(0,2874)	(0,3550)	(0,2507)
	desv	0,121	0,142	0,127	0,165	0,214	0,125	0,143	0,121	0,139	0,048
	P>t	28,0%	0,0%	41,5%	0,025	24,8%	72,8%	8,3%	1,8%	1,1%	0,0%
freqculto	coef	(0,1032)	0,0541	(0,0025)	(0,2505)	(0,6102)	(0,2381)	0,2398	0,2824	0,0019	(0,0905)
	desv	0,122	0,325	0,181	0,167	0,233	0,133	0,236	0,127	0,473	0,060
	P>t	39,7%	86,8%	98,9%	13,5%	0,9%	7,4%	30,9%	2,7%	99,7%	13,2%
altarenda	coef	(0,5942)	0,0855	0,3623	(0,4217)	(0,2188)	(1,9580)	(0,3925)	0,5116	0,4360	0,0154
	desv	0,331	0,519	0,149	0,626	0,874	0,759	0,443	0,489	0,145	0,103
	P>t	7,3%	86,9%	1,5%	50,1%	80,2%	1,0%	37,6%	29,6%	0,3%	88,1%
universidade	coef	0,5728	0,3342	(0,3207)	0,6320	0,9023	0,1572	0,1903	0,4088	0,0580	0,3007
	desv	0,198	0,199	0,143	0,228	0,291	0,134	0,259	0,123	0,143	0,057
	P>t	0,4%	9,3%	2,5%	0,6%	0,2%	24,0%	46,3%	0,1%	68,5%	0,0%
	Nºobs	2065	755	1134	1189	540	1193	776	1073	734	9459
	R²	0,81%	2,85%	0,81%	2,31%	3,84%	2,55%	0,69%	4,72%	2,43%	2,86%

Fonte: *World Values Survey* 1999-2004

Para o modelo que utiliza como variável dependente a “competição”, apresentado na Tabela 4, a variável “idade” apresentou efeitos significativos na regressão em que todos os países foram incluídos e também para as regressões específicas da África do Sul, do Brasil, da Coreia do Sul e dos Estados Unidos. Com exceção da Coreia do Sul, o efeito dessa variável foi positivo, indicando que pessoas mais velhas tendem a defender que a competição gera efeitos benéficos na sociedade (Truett, 1992). O maior efeito foi no Brasil, com valor de 0,019. A cada ano, a média de uma pessoa a essa resposta se desloca 0,019 em direção à defesa de maior competição.

A variável “mulher” foi significativa na Alemanha, nos Estados Unidos e na Suécia, além de também ser significativa na regressão para todos os países. Em todos os casos, o efeito foi negativo, indicando uma tendência das mulheres a reportarem menor defesa da competição. O maior efeito encontrado foi na Alemanha, com valor de -0,600. As mulheres alemãs, portanto, apresentaram uma média de 6,710 a essa resposta em comparação à média do país, de 7,310. Novamente, o resultado fica bastante alinhado com o de estudos anteriores, que reportaram uma maior tendência de rejeição a competição nas mulheres.

A variável “freqculto” apresentou efeito significativo apenas no Chile e nos Estados Unidos. Entretanto, no Chile seu efeito foi negativo e nos Estados Unidos foi positivo. Com esses resultados, os efeitos da frequência a cultos sobre a visão política das pessoas ficou menos evidente.

A variável “alta renda” apresentou efeito significativo na Austrália, na Coreia do Sul e nos Estados Unidos. Na Coreia do Sul, seu efeito foi negativo e expressivo novamente (-1,958), destoando dos outros dois casos, em que o efeito foi positivo. Essa discrepância pode ser consequência do baixo percentual da população coreana que reportou pertencer a esse grupo (1,2%), o menor de todos os países do estudo.

A variável “universidade” apresentou significância na África do Sul, na Austrália, no Brasil, no Chile e nos Estados Unidos. No modelo que incluiu todos os países, essa variável também foi significativa e positiva. Novamente, com exceção da Austrália, em todos os casos o efeito foi positivo, ou seja, pessoas que terminaram uma faculdade tendem a defender a competição como sendo benéfica para a sociedade. O maior efeito foi no Chile, com valor de 0,902. Os universitários chilenos, portanto, tiveram uma média 0,902 em direção à defesa de maior competição do que a média desse país. Mais uma vez, o resultado fica em linha com estudos anteriores (Weakliem, 2001). Pessoas com maior nível educacional tendem a defender a competição com

benéfica para a sociedade. O resultado reforça o encontrado nas duas regressões anteriores. Os indivíduos que terminaram uma faculdade se posicionaram mais à esquerda, porém defenderam posições mais à direita nas duas últimas regressões. Provavelmente, ao serem questionados sobre se posicionarem mais à esquerda ou à direita, as pessoas consideraram alguns aspectos de pontos mais associados à esquerda, como igualdade de oportunidades e auxílio para os menos desfavorecidos, por isso a discrepância em relação ao resultado das regressões seguintes.

5. Conclusão

A formação de um posicionamento político individual depende de uma série de fatores demográficos e de formação cultural. O presente estudo tinha como objetivo estudar o impacto de fatores como religião, educação, renda e gênero na visão política das pessoas, e as diferenças entre países com características econômicas e sociais diversas na magnitude desse impacto. Por meio da análise desse impacto, torna-se possível avaliar diferenças que as preferências pessoais, a educação e a renda promovem, e se esses fatores de influência são similares ou não, dependendo da característica do país de origem da pessoa.

De maneira geral, observa-se que a idade apresenta efeito de levar as pessoas a defender uma posição política mais à direita. Os efeitos da idade sobre a visão política foram notáveis nos três modelos do estudo. As mulheres, por sua vez, apresentaram visão mais à esquerda em todas as regressões em que seus efeitos foram significativos. Seja no posicionamento político, na defesa de maior estatização/privatização de empresas ou na defesa da competição como sendo benéfica para a sociedade, as mulheres apresentaram média mais à esquerda do que a população como um todo. Analisando os efeitos da frequência a cultos religiosos, nota-se que pessoas que possuem esse hábito tendem a defender posições políticas mais conservadoras. Os efeitos foram notados nas respostas às questões referentes ao posicionamento político e a estatização/privatização de empresas. Na questão sobre a competição, os efeitos dessa variável não ficaram evidentes, talvez porque em diversos cultos haja uma pregação da harmonia e cooperação entre as pessoas, e a competição tem um estigma muitas vezes oposto a esses princípios. Já as pessoas que se posicionam nos maiores percentis de renda tenderam a apresentar visões mais à direita do que a média da população. Com exceção da Coreia do Sul, caso discutido anteriormente, os efeitos da renda sobre a

visão política das pessoas foi o de levar a visões mais a direita em todas as regressões analisadas.

Já a variável que indica grau de educação superior apresentou efeito de levar as pessoas a se dizerem mais de esquerda, porém a defender maior grau de privatização de empresas, bem como afirmar que a competição gera efeitos benéficos numa sociedade. Analisando os resultados encontrados, pode-se afirmar que o aumento de renda e do nível de educação tendem a levar a população a defender uma menor presença do Estado na economia e maior presença de competição e meritocracia. Mais especificamente no Brasil, nota-se que, embora seja um dos países mais conservadores por essa amostra, temos visto um aumento da presença estatal em vários setores da economia, concomitantemente a um forte desestímulo à competição e à meritocracia por meio do incentivo à criação de grandes oligopólios nacionais por parte do governo. Na economia mundial, pode-se notar também nos últimos anos uma atitude por parte dos governos que parece ir contra o que uma população mais educada e próspera tende a defender. Intervenções estatais em empresas problemáticas, fortes intervenções nos mercados de juros e moedas, déficits e dívidas em trajetórias crescentes, entre outros, têm ocorrido em número significativo de países representativos do PIB mundial.

No geral, os resultados encontrados ficaram de acordo com o esperado e com resultados de estudos anteriores. Um prosseguimento a este trabalho pode tentar ligar a visão política de cada país a microdados da população (exemplo PNAD). Outra possibilidade seria verificar a variação da visão política de cada país ao longo do tempo e tentar relacionar esses resultados com a situação geral do período (crescimento do PIB, inflação, desemprego e violência, por exemplo).

Referências bibliográficas

- Alm, J. and Gomez, J. L. Social Capital and Tax Morale in Spain. *Economic Analysis & Policy*, 38(1): 73-87, 2008.
- Amemiya, Takeshi, Tobit Models: A Survey. *Journal of Econometrics*, vol. 24, ed. 1/2, pp.3-61, 1984.
- Beatty, K. M. and Walter, O. Religious Preference and Practice: Reevaluating Their Impact on Political Tolerance. *Public Opinion Quarterly*, 48(1B):318-329, 1984.
- Beckman, S. R. and Zheng, B. The Effect of Race, Income, Mobility and Political Beliefs on Support for Redistribution Disponível no link: <http://econ.ucdenver.edu/beckman/Research/poum.pdf>. (acesso em 21/03/2011)
- Fisman, R. and O'Neill, M. Gender Differences in Beliefs on the Returns to Effort – Evidence from the World Values Survey. *The Journal of Human Resources*, 44(4): 858-870, 2008.
- Frey, B. S. and Torgler, B. Tax Morale and Conditional Cooperation. *Journal of Comparative Economics*, 35(1): 136-59, 2007.
- Martinez, J. and Torgler, B. The Evolution of Tax Morale in Spain. *Journal of Economic Issues*, 43(1): 1-28, 2009.
- LAZZARINI, Sergio G. Capitalismo de laços. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2010.
- Truett, K. R. Age Differences in Conservatism. *Personality and Individual Differences*, vol. 14, ed. 3, pp. 405-411, 1993.
- Weakliem, D. and Biggert, R. Region and Political Opinion in the Contemporary United States. *Social Forces*, 77(3): 863-86, 1997.
- Weakliem, D. The Effects of Education on Political Opinions: An International Study. *International Journal of Public Opinion Research*, 113(2): 141-157, 2001.

Anexo 1: Média por país das questões selecionadas para execução do Gráfico de Visão Política Média

	Nº Questão	África do Sul	Alemanha	Austrália	Brasil	Chile	Coreia do Sul	Espanha	EUA	Suécia
Direta/Esquerda	v114	6,5203	5,0334	5,5185	5,4314	5,3782	5,6886	4,6316	5,7124	5,5877
	v116	5,6661	4,9643	5,6686	5,6751	4,7826	6,5871	5,6525	6,185	6,0868
	v117	5,5923	5,6967	6,1261	5,6182	4,613	5,4711	5,576	7,4138	6,2371
	v118	5,0037	4,7003	5,8112	4,3051	4,7828	3,62	4,4157	6,0132	6,4674
	v119	7,1593	7,3099	7,2672	6,8057	6,213	7,1341	6,7397	7,5834	7,6158
	v121	6,428	6,2328	6,17	7,6931	6,412	6,015	5,0337	6,1911	6,5632
	v152	4,4291	3,6318	4,8501	6,7687	4,5444	3,5591	4,4124	5,9916	4,5763
Democrático/Autoritário	v154	2,8756	1,702	2,0273	2,7157	2,5352	2,6873	2,3814	2,4837	1,3215
	v156	4,9	2,0283	3,283	4,9216	3,2637	3,0733	2,7092	3,7094	2,6582
	v157	3,5337	2,0093	3,2804	3,6644	3,3722	3,5507	2,8814	2,9348	1,6076
	v162	2,4174	2,0556	1,8951	2,7275	2,6185	2,4267	2,3106	2,2507	1,4046

Fonte: *World Values Survey* 1999-2004, tabulação própria